

Povos andinos revisitados

Grupo internacional coordenado pela UFMG usa genética para estudar identidade de populações indígenas da América do Sul, como os uros, que vivem às margens do Lago Titicaca

Valquiria Lopes

Publicação: 07/10/2013 04:00



Embarcações são feitas de totora, uma espécie de planta aquática usada tradicionalmente para a construção desses barcos

Livros que contam a história do Brasil e de países da América do Sul podem mudar em breve seu conteúdo. Pesquisas sobre a ancestralidade dos povos indígenas que hoje habitam essas terras têm revelado, por meio de investigação genética, a misteriosa identidade dessas populações. Além dos índios brasileiros, o passado de povos do Peru e da Bolívia é objeto de estudo de um grupo de pesquisadores internacionais, coordenado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O mais recente trabalho, com 388 indígenas peruanos e bolivianos, fez uma descoberta sobre os antepassados dos uros, etnia que habita os Andes e vive às margens de rios e do Lago Titicaca. As amostras do material genético - foi recolhida saliva dos 388 indígenas para exame de DNA - indicam que eles têm ancestralidade paterna e materna bem diferente dos aimarás e quéchuas, etnias indígenas predominantes no altiplano andino. Com o estudo, os pesquisadores puderam constatar que, diferentemente do que se defende por parte da população dos países andinos, a etnia dos uros do Titicaca não se extinguiu na década de 1950, quando os últimos falantes da língua original (uruquilla) morreram. "Há quem diga que eles (os uros) são farsantes e que se apropriaram dos costumes dos ancestrais dessa etnia para lucrar com a venda de artesanato e com o turismo", afirma o professor de genética do Departamento de Biologia da UFMG, Fabrício Santos, coordenador da pesquisa.

Segundo ele, apesar da extinção da língua, as comunidades de uros mantêm hábitos de seus antepassados, como as danças, as casas flutuantes e as embarcações de totora, uma espécie de planta aquática usada tradicionalmente para a construção desses barcos e de ilhas flutuantes do Lago Titicaca e em praias do Peru. "Os Uros peruanos podem ter perdido a língua, mas a identidade étnica está além disso e pode ser observada também na cultura e nos costumes desse povo", destaca Santos.

Na Bolívia, os uros já são reconhecidos pelo governo daquele país, mas no Peru eles ainda lutam pelo reconhecimento legal, apesar de manter costumes de mais de 3 mil anos, segundo o professor. Para ele, a pesquisa sobre ancestralidade, somada aos esforços de outros pesquisadores e antropólogos, é um avanço para que a etnia dos uros seja devidamente reconhecida. "Os uros que habitam essa região dos Andes têm ancestralidade muito diferente dos povos que originaram as comunidades quéchua e aimará, que também vivem na Bolívia e no Peru. Se reconhecidos, os Uros poderão requerer direitos que hoje ainda não foram conquistados", acrescenta Santos.

A pesquisa pode contribuir, segundo ele, para ganhos sociais e políticos. Ele ressalta, no entanto, que não existe nenhum benefício econômico direto, já que a história é patrimônio mundial declarado pela Unesco. "Eles podem ter reconhecimento social e político, e também uma maior valorização da cultura local e até ajuda no turismo étnico, algo que atrai inúmeros turistas para o Peru e Bolívia, por exemplo."

HISTÓRIA REVISITADA Pela ótica da genética é possível revelar dados históricos da América do Sul, que mostram que esta região é mais antiga do que a relatada sob o ponto de vista da chegada dos europeus na América Latina. "Os livros de história têm um viés muito grande com a colonização, há 500 anos. Esse processo, na verdade, pode ser anterior a 500 gerações, ou seja, cerca de 14 mil anos atrás", diz o professor Fabrício Santos. Ele defende que a identidade de todos os povos indígenas está diretamente ligada ao passado, à história de ocupação das regiões por seus ancestrais. "Esse processo continua ainda hoje com seus descendentes, que preservam parte de sua cultura, rituais, religião, língua e outros costumes", acrescenta o pesquisador.

Também participante da pesquisa, o diretor do Centro de Genética e Biologia Molecular da Faculdade de

Medicina da Universidade de San Martín Porres, no Peru, professor Ricardo Fujita, destaca a relevância do estudo para seu país. “A parte escrita da nossa história é curta e o que está gravado no DNA ajuda a explorar essa enorme quantidade de tempo sem registro”, afirma. Satisfeito em ter sido convidado para representar o Peru no projeto, ele diz que as análises dão ferramentas, métodos e, acima de tudo, a oportunidade de conhecer a história dos países latino-americanos por meio da genética.

A descoberta, descrita no artigo *The genetic history of indigenous populations of the peruvian and bolivian altiplano: The legacy of the uros* será finalizada em 2014. A partir daí, novas pesquisas arqueológicas, que usam o DNA como ferramenta, vão dar continuidade ao projeto, financiado pela National Geographic e pela IBM. As pesquisas têm o objetivo de reconstruir a história do povoamento do planeta pela espécie humana por meio de análises genéticas. São 10 centros de pesquisa espalhados pelo mundo, sendo que um deles, o Centro de Pesquisa da América do Sul, está localizado na UFMG.

Quem são eles?

Uros: vivem às margens dos lagos e rios do altiplano entre Peru e Bolívia, explorando os recursos pesqueiros, ovos de aves e plantas coletadas na beira do lago, praticando também alguma atividade agrícola. No Peru, eles vivem nas ilhas flutuantes do Lago Titicaca e na Vila de Chulluni. Na Bolívia, há três comunidades principais: Uru-Chipaya, que vive em vilas na beira do lago e salar Coipasa; Uru-Poopó, habitantes da beira do Lago Poopó; e os Uru-Irohitos, que vivem na beira do Rio Desaguadero. A língua original (uruquilla) foi extinta em 1950 e, além do aimará, o castelhano é comum a todos. Há 2,6 mil uros na Bolívia (onde são chamados de uru) e 2 mil no Peru, no município de Puno.

Quéchuas: designação aplicada aos povos indígenas da América do Sul que falam o quíchua, especialmente o quíchua meridional. São típicos agricultores e pastoreadores. Distribuem-se pela região andina, especialmente no Peru, na Bolívia, Argentina e Chile.

Aimarás: povo que se estabeleceu no Sul do Peru, na Bolívia, na Argentina e no Chile desde a era pré-colombiana. São típicos agricultores e pastoreadores. Cultivam vários tubérculos, milho e criam lhamas e alpacas.

Três perguntas para...

Eduardo Natalino dos santos - professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP)

Qual é a importância da pesquisa da história genética das populações indígenas da América Latina? A pesquisa tem muita relevância, principalmente porque diz respeito ao povoamento do continente americano, que foi o último a ser ocupado no planeta, à exceção da Antártida. Esse processo é relativamente recente em relação ao Velho Mundo, Ásia e África. Por isso, a pesquisa pode ajudar a entender a procedência das populações, a diversidade de grupos humanos que aí estão e, de forma geral, pode contar as primeiras páginas da história do continente americano.

É possível que os resultados dessa pesquisa possam interferir na história já conhecida sobre os países sul-americanos?

As várias ciências que estudam o passado - arqueologia, paleontologia e a história, por exemplo - nos ajudam a entender algumas coisas, como a procedência dos povos, migrações e filiações, principalmente para se conhecerem os primeiros episódios dessas populações. A genética vem se firmando com uma dessas ciências. Temos uma série de relatos que vêm depois da colonização europeia, mas há uma série de elementos, como sítios arqueológicos, sistemas de escrituras e representações iconográficas, que retratam o modo como os indígenas americanos retratavam seu modo de viver e seu passado. A genética pode ajudar ainda mais nessas descobertas.

Qual é sua impressão sobre o alcance desse estudo?

Sou cético em relação aos rumos que se pretende dar a essa pesquisa porque temo que se tente fazer uma associação automática entre genética e cultura. O fato de uma população levar uma carga genética não necessariamente mostra que há uma continuidade cultural. Lógico que esses dois fatores caminham juntos. No entanto, a conjuntura histórica pode fazer um determinado grupo adotar outros costumes e manter outra identidade cultural.

